

Topologia do ser e as paisagens do sertão

Being's topology and the landscapes from the inner territory

Gilvan Charles Cerqueira de Araujo^a.

^aSecretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: gcc99@gmail.com.

Resumo: A reflexão proposta neste artigo trata da topologia do ser, que pode ser entendida como a expressão fática da existência, como mundo vivido, perpassado por experiências, saberes e práticas. Essa dimensão espacial do devir existencial pode ser aplicada, epistemológica e metodologicamente, a diferentes ideias, conceitos e categorias do pensamento geográfico, como é o caso do sertão. Por se tratar de uma ideia ubíqua, no que se refere à (in)finitude de seus sentidos e possibilidades de correspondência empírica nas paisagens da realidade objetiva, o sertão se torna um profícuo campo de reflexão e direcionamento da complexidade ôntica e ontológica da existência no topo que a situa no mundo. O objetivo principal deste artigo, portanto, é apresentar, dialogar e aprofundar questões envolvendo os fundamentos ontológicos da existência na espacialidade a partir das paisagens do sertão.

Palavras-chave: Topologia do ser; ontologia; paisagem; sertão.

Abstract: The reflection proposed in this article deals with the topology of being, which can be understood as the factual expression of existence, as a lived world, permeated by experiences, knowledge and practices. This spatial dimension of the existential becoming can be applied, epistemologically and methodologically, to different ideas, concepts and categories of geographic thought, as is the case of the inner territories. Because it is a ubiquitous ideation, with regard to the (in)finitude of its meanings and possibilities of empirical correspondence in the landscapes of objective reality, the inner territories becomes a fruitful field of reflection and direction of the ontic and ontological complexity of existence. in the topoi that places it in the world. The main objective of this paper, therefore, is to present, dialogue and deepen issues involving the ontological foundations of existence in spatiality from the landscapes of the inner territory.

Keywords: Topology of being; ontology; landscape; inner territory.

Submetido em: 10/10/2024.

Aceito em: 13/03/2025.

1 INTRODUÇÃO

A paisagem é um dos conceitos-chave do pensamento geográfico, juntamente com região, território, lugar e o próprio espaço (Correa, Moreira, 2008). Neste artigo, propõe-se uma reflexão acerca da paisagem e de sua relação com o sertão, especialmente no tange à complexidade das definições empíricas das características biogeográficas dos interiores territoriais (Moraes, 2003; Araujo, 2018; 2021).

Parte-se da premissa especialmente elaborada por Moraes (2003), no que se refere à ubiquidade geográfica do sertão, ou seja, ele está em todos os lugares, é todas as paisagens e, ao mesmo, não se define. Essa proposição do autor vai ao encontro de um dos fundamentos da posição ôntico-ontológica de Sartre (2008), sobre o ser estar em todos os lugares, bem como o nada. E o sertão, como epítome do preenchimento e esvaziamento do sentido da existência na

espacialidade, tanto comporta como transborda tais premissas ontológicas e geográficas.

A topologia do ser pode ser compreendida como a expressão espacial da existência na espacialidade, como grafia da existência. É o encontro dialógico e profícuo entre a ontologia fenomenológica e os conceitos, temas e categorias da Geografia (Araújo, 2021; Malpas, 2008; 2018; Pádua, 2005; Rocha, 2020). A geoliteratura pode fornecer ricos debates e meios de análise do protagonismo da espacialidade como início, fim e meio, pelo qual a existência emana seus sentidos e é representada por diferentes autores (Monteiro, 2002; Besse, 2006; Collot, 2011; 2013).

O caminho proposto ao longo do manuscrito nos leva às formas de expressão da espacialidade como epicentro do ser, por meio do ente humano e sua existência pelas paisagens. A arte literária emerge como especial forma de exposição, representação e exploração teórica, metodológica e de experiência das paisagens do sertão como topologia do ser – neste caso, na riqueza ubíqua ôntico-ontológica dos interiores territoriais brasileiros.

2 PAISAGENS DO SERTÃO, ONTOLOGIA E ARTE LITERÁRIA

Neste primeiro momento do artigo, há a reflexão proposta sobre a topologia do ser e a paisagem e os sertões, relacionando-a à ontologia fenomenológica e a uma proposição topo-analítica da existência como ser-em em possibilidade de expressão de suas significações pela arte, na relação que será efetuada na topoanálise dos sertões do sertão pela geoliteratura. O desafio geográfico, literário e ôntico-ontológico eleva-se ainda mais, se considerarmos a diversidade de olhares para o sertão, tais como as obras elaboradas e organizadas por Silva (1950), Amado (1995), Brait (1998), Ab'Sáber (1999), Rofani (2005),

Antonio Filho (2011), Pereira e Lachat (2016) e Barros, Prieto e Marinho (2019).

Esses autores possuem entre si o consenso epistemológico em relação à complexidade de definição dos sertões. Em síntese, podemos aplicar a ideia central de Moraes (2003), sobre como o sertão compreende todas as paisagens possíveis: “Desse modo, não há possibilidade de realizar uma caracterização geográfica precisa das localidades sertanejas” (Moraes, 2003, p. 2). O autor completa dizendo que “[...] não correspondem a uma materialidade terrestre individualizável, passível de ser localizada, delimitada e cartografada no terreno” (Moraes, 2003, p. 2).

Essa breve amostragem de autores considera, de diferentes maneiras, o sertão como interiores territoriais do Brasil, por diferentes paisagens, referenciais empíricos. Mais do que isso, uma conjunção complexa de materialidade e imaterialidade, significação e modos de se habitar o espaço geográfico: “O sertão não se inscreve como uma empiria, nos moldes dos enfoques indutivos tradicionais da geografia.” (Moraes, 2003, p. 2). Esta ubiquidade do sertão, ou seja, de estar e ser todos os lugares e paisagens, é ponto de partida para a sua correlação com a topologia do ser, pelos caminhos ôntico-ontológicos elegidos para a reflexão neste estudo, pautado, principalmente nas obras de Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, que possuem aproximações entre si sobre a relação entre existência, topologia do ser e facticidade e, também, diferentes incursões geoliterárias passíveis de uso, aprofundamento e aplicação neste manuscrito, especificamente.

A topologia do ser, a partir de Malpas (2008; 2018) e Pádua (2005), principalmente, resgata especialmente posições heideggerianas a respeito do topoi, como pluralidade espacial da existência no mundo. O encontro entre sertão e topologia do ser permite, portanto, que façamos o percurso

proposto neste artigo, para uma revisitação, aprofundamento e dialogia entre bases geográficas, ontológico-fenomenológicas e pontes geoliterárias de expressão das diferentes paisagens do sertão como possibilidade de uma compreensão topológica do ser.

De acordo com Collot (2013, p. 30), “A paisagem implica um sujeito que não reside mais em si mesmo, mas se abre ao fora. Ela dá argumentos para uma redefinição da subjetividade humana, não mais como substância autônoma, mas como relação”.

A paisagem, fenomenologicamente, é a consciência intencionando-se ao mundo, a si mesma ou ao ente-outro, fundando a facticidade como relação onto-ontológica do ser-aí/Para-si: “Dizer que a consciência é consciência de alguma coisa é dizer que deve se produzir como revelação-revelada de um ser que ela não é e que se dá como já existente quando ela o revela” (Sartre, 2008, p. 34-35). Quando se intenciona ao mundo pelo pensar, perceber, sentir e imaginar, o Para-si e *Dasein* estão fundando tanto a si mesmos como o mundo, em diferentes significações possíveis e singularizações de tantos predicados quantos forem possíveis de existir e configurar sobre esta intencionalidade e, ao mesmo tempo, o des-velar do ser pelos entes das paisagens do mundo.

Novamente, temos o plano ôntico, a facticidade e a imanência como a abertura à (in)infinitude ontológica das essências de todos os entes, no ente diferenciado que é o ser-aí como esse abrir-se do Ser pelo *Dasein* como fruição do Ser pelos entes expressos pela linguagem, a arte, imagens etc.: “Trata a imanência como caráter necessário de todo o conhecimento, assumindo a imanência universal da consciência.” (Serpa, 2016, p. 21). Tais posições do autor foram trabalhadas e podem ser aprofundadas em trabalhos de Araújo (2021).

A paisagem alcança na ontologia fenomenológica, como topologia do ser, o papel do ser-em de Heidegger, a posição em que a partir dele tudo será intenção em realização de significância para com o mundo que habita, singularizando-o como mundo, sendo-o. “A presença, no entanto, está e é ‘no’ mundo, no sentido de lidar familiarmente na ocupação com os entes que vêm ao encontro dentro do mundo. Por isso, se, de algum modo, a espacialidade lhe convém, isto só possível com base nesse ser-em” (Heidegger, 2008, p. 158).

Paisagem como ser-em é a derradeira expressão da onto-ontologia, em que a facticidade emana sua transcendentalização pelo ser-aí. É o ponto único e singular em que o preenchimento da essência pela consciência perfaz cada detalhe cotidiano, cada saber, cada fazer ou cada aspecto efêmero pertencente ao mundo como paisagens no fruir do devir-vida: “Se existe um sentimento de satisfação conferido pela paisagem, é que existe uma forma que espera uma satisfação, um preenchimento” (Cauquelin, 2007, p. 119). Continua a autora: “[...] trata-se aqui de adequação de um modelo cultural ao conteúdo singular que é apresentado (Cauquelin, 2007, p. 119). A paisagem não será apenas a expressão ontológica da espacialidade como topologia do ser de uma única consciência; haverá, por continuidade, a confluência da significação do mundo como ser-em por outros entes como ser-aí, valorando identitariamente a singularização das paisagens como expressões da cultura e da intersubjetividade:

[...] redução fenomenológica nos revela também que a paisagem não é simplesmente uma relação entre um sujeito e um objeto, ou melhor, um conjunto de objetos como é mais apropriado para a definição de um conceito de paisagem, mas, sobretudo, uma relação entre sujeitos que intersubjetivamente relacionam objetos constituindo paisagens como “universais”. Isso, por outro lado, não

exclui a validade do procedimento de partir do absolutamente dado da situação, já que o enfoque fenomenológico significa justamente partir das coisas elas próprias, abrindo-se a possibilidade de trabalhar o conceito de cotidiano bem como temáticas como o “simbólico” e o “valor” nas disciplinas territoriais. (Serrpa, 2016, p. 29-30).

Especificamente no caso da paisagem, tem-se uma correlação direta com a categoria geográfica sertão, como ressaltado por Moraes (2003, 2014) e Moreira (2004, 2011). Conforme indicam os autores, não há uma única correspondência empírica paisagística para o sertão, ou sertões. “O sertão não se qualifica, do ponto de vista clássico da geografia, como um tipo empírico de lugar, isto é, ele não se define por características intrínsecas de sua composição ou do arranjo de seus elementos numa paisagem típica. Não são as características do meio natural que lhe conferem originalidade, como o clima, o relevo, ou as formações vegetais” (Moraes, 2003, p. 1). O sertão é o todo e o nada, o oco e o preenchimento, os lugares pelos quais se passam, e não onde se chega; a paisagem do sertão é o efêmero da experiência do caminho percorrido (Aguilar, 1998).

A partir dessa ubiquidade ontológica do sertão como facticidade, é possível relacionarmos não apenas a reflexão sobre a aderência da predicação do ser no ser-em no sertão-mundo mas, também, incluir elementos tanto do lugar para a composição onto-ontológica de paisagem, no sentido de ir ao encontro de ideias já apresentadas (como ser-aí e *Dasein*) e o protagonismo da espacialidade na ontologia fenomenológica e no existencialismo.

A partir dessas considerações iniciais sobre a paisagem, propomo-nos pensar a paisagem a partir das heranças epistêmicas já estabelecidas no pensamento geográfico. Temos, portanto, tanto a tradição francesa de análise da paisagem, atrelada a todo o percurso de

perscrutação regional, consolidado no início do século XX até a morfologia da paisagem anglo-saxã. Essa dupla referência paisagística fará com que a estruturação onto-ontológica da paisagem, tendo a fenomenologia e a diferença ontológica como base, torne-se mais bem estabelecida.

A virada topológica, da espacialidade do Ser pelos entes da facticidade, já possui extenso arranjo de estudos e debates, em concordância com a proposição topológica em aberturas ontológicas, geoliterárias e topoanalíticas para outros campos de aplicação da fenomenologia. Muito do que é problematizado, na questão topológica do Ser com a espacialidade ocupando o protagonismo da análise fenomenológica, se dá na retomada do que fora outrora indicado por Dardel (2011) como o ir além da representação e do primeiro contato, para alcançarmos o des-velar de si mesmo das coisas, os entes em sua circunscrição fática do mostrar-se do ser-no-mundo:

É preciso insistir que a geografia, entendida fenomenologicamente, não está a procura de significações ocultas por detrás dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas ela é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença no mundo. A geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebermos antes que ele é o meio do sentido. (Besse, 2006, p. 89).

Cauquelin (2007) também problematiza sobre como há um momento em que ocorre a ultrapassagem da semiótica, representação para que uma substância seja alcançada, o próprio ser em seu mostrar-se, velando-se nas formas e significações da facticidade como, por exemplo, no recorte paisagístico. Chega-se à ontologia do espaço pela

paisagem como expressão da facticidade em diferença onto-ontológica pelo *Dasein*, o ser situado em seus estares, grafias da existência:

Para que eu tome consciência de que se trata aqui de um projeto, de que essa paisagem é constituída por sua definição, é preciso que algo manque, que algo deixe de ser evidente, que, de repente, uma perturbação se produza: “Ah, mas não é tudo aquilo que eu pensava! O amarelo não tem o tom que eu esperava, o mar não é tão azul quanto devia ser...”. Isso não “cola”. A adesão fissa em algum ponto. Sem mais nem menos, começo a duvidar da conveniência dos elementos entre si; isso é tão perturbador quanto um erro de gramática em uma frase que a torne incompreensível. (Cauquelin, p. 2007, p. 104).

A ultrapassagem da relação significante e significado da semiótica é o passo seguinte aos estudos topológicos do Ser, na esteira da ontologia fenomenológica da espacialidade. A intencionalidade como o preencher e a fundação do mundo deve ser o ponto de partida e a chegada para tal empreendimento epistemológico, metodológico e de experiência de estares do Ser no mundo como existências singulares: “Que a paisagem que se enuncia diante de mim e me oferece sua proposta preencha as condições de sua produção entre o espetáculo que tenho diante de mim e a forma geral na qual ela deve se mover para que eu possa apreendê-la” (Cauquelin, 2007, p. 118).

A autora ainda realiza uma reflexão de como o recorte da paisagem não abarca toda a significação possível à facticidade paisagística: “Existe, pois, uma desmedida na medida, ou, mais exatamente, a medida só pode ser construída em um horizonte de desmedida” (Cauquelin, 2007, p. 140). Em outras palavras, há no ser-aí diferentes trilhas de predicação do espaço habitado, paisagens e suas significações que se multiplicam em complexidade de referência à essencialização da

espacialidade na relação onto-ontológica: “A moldura reclama sua extramoldura como seu elemento constitutivo, sua condição necessária. É preciso que a crença esteja anexada à proposição de totalidade que recobre o fragmento” (Cauquelin, 2007, p. 140).

Besse (2006) também vai ao encontro do ser-em heideggeriano, sobre a espacialidade como uma das dimensões de inerência ao des-velamento do Ser como ser-no-mundo: “A paisagem é assim, e insistamos neste ponto, não apenas o prolongamento do vocabulário antigo da “teoria” filosófica, mas também a ilustração visual da nova experiência geográfica do mundo” (Besse, 2006, p. 41). Esta experiência será o ser em situação, habitado e enunciado pelo *Dasein*, emergindo ôntica e ontologicamente como singularidade existencial, já que nesta paisagem que é grafia, inscrição da existência em sua singularização como ser-em-no-mundo: “[...] em consequência, uma consciência renovada do mundo terrestre pode encontrar a linguagem e as categorias que lhe permitem formular-se” (Besse, 2006, p. 41).

A inscrição da existência no mundo se dará como diversidade de sentidos à habitação da espacialidade, em diferentes paisagens. Nesse inscrever-se e escrever-se pela intencionalidade do Para-si ou *Dasein*, o mundo, a espacialidade e os recortes do ser-em como paisagem serão em si mesmos, na ultrapassagem da representação mencionada por Besse (2006) e Berque (1998), com os quais concorda Cauquelin quando diz: “[...] na verdade, na maior parte do tempo, é o caráter implícito da paisagem que convoca ao sentimento de sua perfeição. A rosa é sem porquê. E é por isso que ela está na perfeição...” (Cauquelin, 2007, p. 123). Essa expansão do extensio só é possível a partir do ser-aí, em seu papel de ente diferenciado, conforme Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre:

O objeto que as coisas do mundo indicam e que sitiam à sua volta é, para si mesmo e por princípio, um não objeto. Mas o surgimento de meu ser, ao estender as distâncias a partir de um centro, pelo ato mesmo desse estender, determina um objeto que é si mesmo, na medida em que se faz indicar pelo mundo, e do qual, todavia, eu não poderia ter intuição como objeto, porque o sou – eu, que sou presença a mim como ser que é seu próprio nada. Assim, meu ser-no-mundo, só pelo fato de que realiza um mundo, faz-se indicar a si mesmo como ser-no-meio-do-mundo pelo mundo que realiza, e não poderia ser de outro modo, porque não há outra maneira de entrar em contato com o mundo a não ser sendo do mundo. Seria impossível para mim realizar um mundo no qual eu não seja e que fosse puro objeto de contemplação que o sobrevoasse. (Sartre, 2008, p. 402)

Para-si, em correspondência ao *Dasein*, fará a ponte ôntica-ontológica, a partir da totalidade da imanência, na qual a espacialidade compõe a topologia do Ser, a essência em situação, em cada intencionalidade de projeção aos recortes fáticos de uma totalidade que é o mundo inteiro, no ser-em como estares em todos os lugares e paisagens passíveis de serem percebidas, pensadas e habitadas:

Desta forma é que o empírico do espaço relacional é o espaço-superfície, no qual se realizam os fenômenos, mas com a análise existencial-ontológica sendo sobre o homem, busca-se o entendimento do espaço ontológico, o espaço como existencial da existência humana: o espaço como ser. Surge então a conexão entre parte e todo, entre corpo e superfície, homem e mundo. Este homem como expressão da totalidade e a Totalidade-Mundo como mundo do homem. [...]; E assim é que temos a análise do espaço como ser do homem, pela sua espacialidade prolongada como seu mundo. Sua condição de existência extrapola o corpo, não o abandonando, mas, expressando no mundo sua particularidade, e esta

pode ser remetida como sentido de ser humano; extrapolando do seu corpo ao mundo, do todo na parte à parte no todo. Sendo a busca existencial-ontológica da espacialidade humana a base para a explicação do sentido de ser deste homem, é que nosso aparato se faz na ontologia. Principalmente na busca do sentido de ser da presença (*Dasein*) humana de Heidegger. (Guimarães, 2010, p. 26 – 27).

A busca existencial-ontológica destacada por Guimarães (2010) é composta do ir-além do representado ou culturalmente construído, que pode ser o ponto de partida para a topologia do Ser. No entanto, a situação, entendida como o ser-em do *Dasein* em todos os seus estares no mundo revelará o para-além que é o ser-aí, como epicentro da enunciação do Ser pelo pensar, dizer, perceber, experimentar e habitar o mundo.

Se a retomada da descrição é ponto fundante da fenomenologia como método, então vamos ao encontro de entender o porquê de a transcrição do Ser situado como geo-grafia é algo tão rico tanto para a Geografia como a arte literária (Chaveiro, 2014; Alves, 2020, Collot, 2013). A topologia do ser como ontologia do espaço se (re)encontra como possibilidade topoanalítica com a ontologia fenomenológica, nas diferentes possibilidades de geograficidade, os lugares do ser-no-mundo como estares do Ser em diferentes paisagens:

Phenomenology involves the understanding and description of things as they are experienced by a subject. It is about the relationship between Being and Being-in-the-world. Being-in-the-world resides in a process of objectification in which people objectify the world by setting themselves apart from it. This results in the creation of a gap, a distance in space. To be human is both to create this distance between the self and that which is beyond and to attempt to bridge this distance through a variety of means – through perception (seeing, hearing, touching), bodily actions and movements, and

intentionality, emotion and awareness residing in systems of belief and decision-making, remembrance and evaluation. (Tilley, 1994, p. 12, 1994).

Portanto, há uma base fenomenológica para a espacialidade que podemos buscar em autores como Heidegger e Merleau-Ponty, referência reforçada por Tilley: “I have let Heidegger and Merleau-Ponty set the scene. From rather different phenomenological perspectives, they have both stressed important ontological characteristics of the relationship between inhabited space and social Being-in-the-world” (Tilley, 1994, p. 13). O que o autor reforça para nós é trabalhado por Holzer (2010) sobre a virada topológica nos estudos ontológicos a partir de tais autores. Ser e paisagem são colocados por Tilley (1994) como uma das pontes mais profícuas à topologia do ser, e que pode contribuir para uma construção metodológica topoanalítica, que é o principal objetivo do presente estudo: “Heidegger proposes a topological model for thinking about the relationship between and the landscape as a matter of the 'thereness' of the self-disclosure of Being in and of the world” (Tilley, 1994, p. 13).

O ser-no-mundo mencionado pelo autor será a chave para o olhar fenomenológico do espaço, lugar e paisagem, a experiência de estar no mundo, como a expressão do interior e exterior da existência e o existente, ou nos conceitos sartreanos e heideggerianos, o Para-si e Em-si e o *Dasein* e facticidade, em alusão ao que é proposto por Collot (2013): “Essa troca entre o interior e o exterior não diz respeito apenas à percepção individual, mas também à relação que as sociedades humanas mantém com seu ambiente.” (Collot, 2013, p. 27). Em síntese, em retomada a Tilley (1994) a centralidade e protagonismo do Eu, da intencionalidade na corporeidade e consciência comporá a experiência onto-ontológica do ser humano em seu habitar, pensar e significar o mundo.

A topoanálise destacada pelo autor, como criação da identidade de si na relação intencional com o mundo é que é explorado, fenomenologicamente, no entendimento da paisagem: “Tal como se manifesta na experiência da paisagem, nossa relação sensível como mundo não é a de um sujeito posto em frente a um objeto, mas de um encontro e de uma interação permanente entre o dentro e o fora, o eu e o outro” (Collot, 2013, p. 26). Trata-se, portanto, da experiência humana do existir-no-mundo como ser-aí em seus estares, grafias do devir-vida como paisagens: “A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado” (Collot, 2013, p. 26). A espacialidade como topologia do ser alcançada o seu ponto máximo e especial de protagonismo como paisagem e ser-em do *Dasein* e Para-si em sua relação com facticidade: “Todas as formas de valores afetivos – impressões, emoções, sentimentos – se dedicam à paisagem, que se torna, assim, tanto interior quanto exterior” (Collot, 2013, p. 26).

O mostrar-se da paisagem como facticidade, mesmo cotidiana, de latência do Ser em des-velamento, é o que destaca Prado (2008) sobre como a arte literária, neste caso mais geopoeticamente, tenta ir ao encontro da silhueta desse des-velamento das coisas e formas das paisagens e lugares: “Eu não dou conta de pegar o ser de uma rosa, de um rio, de uma paisagem ou de um rosto. Mas quando a arte faz isso e ela apreende essa coisa mais alta que está atrás das coisas, ela nos revela, nos remete à beleza suprema, se nós tivemos despidos do orgulho da razão e da lógica” (Prado, 2008).

3 TOPOLOGIAS DO SER PELAS PAISAGENS DO SERTÃO

Assim como destacado por diversos autores da literatura, a relação sujeito e objeto é (re)colocada em novas aberturas epistemológicas e metodológicas pela ontologia fenomenológica, especialmente em relação à paisagem: “A paisagem transgride a posição entre o sujeito e o objeto, o individual e o universal; embora possa assumir todos os valores da afetividade mais íntima, a convergência dos olhares faz dessa afetividade um lugar comum para mim e para os outros.” (Collot, 2013, p. 27). Há, portanto, a transgressão da imanência pela busca do ser-aí, como expressão do Ser enunciado pelo *Dasein* na diferença ontológica (Coutinho, 1976).

A transgressão da paisagem com transcendentalização da facticidade, como topologia do ser, pelo ser-aí, é o ponto de seu encontro com o lugar. Enquanto no primeiro caso há uma conceituação mais projetiva e expansiva da espacialidade, no segundo caso normalmente tendemos a uma escala mais restrita e recôndita. Nos dois casos, da espacialidade como topologia do ser, pela paisagem ou lugar, há o espaço ocupando seu protagonismo como via de percurso para que o Ser des-vele-se nos entes, fundando-o a partir do ser-aí e Para-si:

O espaço assim doado sempre já se configura em lugares reconhecíveis. Nestes dois primeiros momentos, o que temos diante de nós é a ponte em meio à paisagem, cerne de um complexo de diferentes locais que se espalham ao seu redor, como na descrição de Heidegger. Estes locais (Plätze) encontram-se próximos ou distantes em relação à ponte, distâncias estas que tanto podem ser percebidas a partir do percurso cotidiano dos homens, como podem também ser fixadas “como simples posições (als blosse Stellen) entre as quais subsiste uma distância mensurável” (ein durchmessbarer Abstand). O espaço que se deixa ler a partir de meras posições, ou seja, desmembrado em intervalos

definidos por medições é, como diz Heidegger, “um espaço bem específico”, um “espaço-entre” (ein Zwischenraum), como expressa a palavra latina spatium. (Pádua, 2005, p. 257).

Desta maneira, não é por acaso que a grafia da existência se mescla com a geo-grafia da existência, tanto como texto quanto como contexto do ser-em – neste caso, expressos na forma de arte literária, a geoliteratura, que é a base para a topoanálise. Cotidiano e facticidade aparecem, de igual modo, como formas de expressão de tais grafias da existência como ser-em, em obras literárias, por exemplo, em lugares e paisagens de singularização topológica do devir-vida das personagens, espacialidades ou narrativas ali desenvolvidas.

Tilley (1994), assim como Heidegger (2008; 2013; 2015), considera a arte literária como uma forma privilegiada de a linguagem expressar as significações do Ser no mundo, na facticidade cotidiana do viver, pensar, fazer, perceber, sentir e imaginar, os atos de intencionalização do mundo da vida como paisagens e lugares, individual e coletivamente.

Desse modo, a arte como um todo e a literatura, especificamente, possuirá como especial condição de união entre ontologia fenomenológica e Geografia o fato de conseguir expressar a situação dos saberes e fazeres, o cotidiano das narrativas, a riqueza social e natural das paisagens, as particularidades das vivências ocorridas nos lugares. Como se referia Dardel (2011) em sua obra clássica de referência para a topologia do ser e topoanálise, a espacialidade se (com)textualiza. Do mesmo modo, há uma aproximação à visualização fenomenológica do formular-se paisagem pela experiência, tornando a terra mundo, como refletido por Rocha (2020). No caso dos sertões, perpassa sua ubiquidade empírica de diferentes paisagens como

pluralidades da existência em seu existir na espacialidade.

A intencionalidade da paisagem é o ponto de conexão da orientação fenomenológica para a ciência geográfica e as conexões com a arte, linguagem e camadas de significação e predicação do Ser a partir da (in)finitude da espacialidade. Conforme trabalhado por Serpa (2016), em continuidade do que foi exposto até o momento, a “paisagem como ato intencional tem a um só tempo um “eu”- polo (noesis) e um “objeto” – polo (noema).” (Serrpa, 2016, p. 28). Esse posicionamento se conecta com o *Dasein* heideggeriano e com a posição existenciadora do ser humano defendida por Coutinho (1976) e Astrada (1942), se buscarmos o referencial latino-americano para correspondência de uma visualidade fenomenológica à paisagem.

O existir, como (in)finitude na espacialidade, volta-nos ao centro do debate proposto, pois se é possível propor uma incursão na topologia do ser pelas paisagens do sertão, é de igual modo desafiador pensarmos como os interiores territoriais vão ao encontro da (in)definição de si mesmos, seja por suas próprias características, seja por quem habita suas diferentes paisagens.

Também é possível nos aproximarmos das proposições de Monteiro (2002) no que diz respeito à relação entre a vivência geográfica por diferentes paisagens e sua transposição ao mundo literário, por diferentes representações e significações. Cada paisagem terá também sua personalidade lablachiana, um sentido próprio e único, o Em-si de sua facticidade transformado em particularidade essencial pelo *Dasein* no Para-si, como referido por Sartre (2008), quando disserta:

A concretude da situação se traduz, em particular, pelo fato de que o Para-si jamais busca fins fundamentais abstratos e universais. Sem dúvida, como veremos no próximo capítulo, o sentido profundo da escolha é universal e, por isso, o

Para-si faz com que exista uma realidade humana como espécie. É preciso ainda extrair o sentido, que é implícito; e para tal irá nos servir a psicanálise existencial. E, uma vez extraído, o sentido terminal e inicial do Para-si aparecerá como um “Unselbstständig” que, para se manifestar, necessita de uma concretude particular. (Sartre, 2008, p. 674).

A situação, se realizarmos o exercício elucubrativo aos sertões e à expressão linguística como abertura ao (des)velar do Ser, é o *Dasein* em seu ser-em, tantos quantos forem possíveis e passíveis de recorte, observação e análise. Estar situado é reter na espacialidade a unicidade do existir.

Na esteira do para-além mencionado por Sartre sobre a realidade humana há a indicação sobre o habitar como acontecimento e experiência em nível planetário, a geograficidade alcança toda a parte da totalidade. Nossa consciência, circunscrita no ente diferencial que é o *Dasein*, habita o Ser, enunciando-o como palavra ou grafia da existência por meio das formas e sentidos das paisagens. Somos conscientes da intenção de significação do mundo ao habitá-lo: “Dizer que a consciência é consciência de alguma coisa é dizer que deve se produzir como revelação-revelada de um ser que ela não é e que se dá como já existente quando ela o revela. Partimos assim da pura aparência e chegamos ao pleno ser” (Sartre, 2008, p. 34-35).

Como menciona Guimarães Rosa, o sertão está em toda parte, em uma reflexão que vai ao encontro do que problematiza Moraes (2003) sobre a não correspondência empírica única da ideia de sertão, porque o seu sentido, sua essência será aderente ao recorte espacial em que estiver atrelado, em toda e qualquer parte, pela consciência e também corpo que o habita, funda e significa: “A consciência é um ser cuja existência coloca a essência, e, inversamente, é consciência de um ser cuja essência implica a existência, ou seja,

cuja aparência exige ser. O ser está em toda parte” (Sartre, 2008, p. 34-35 –grifo nosso).

A aproximação entre a paisagem do ponto de vista fenomenológico e as contribuições de Sartre vai ainda mais além. Facticidade, cotidiano e diferença onto-ontológica unem-se na situação da existência, que dialoga com a geograficidade de Dardel (2011).

Quando relacionamos essa potencialidade do nada do eu à totalidade do Em-si intencionado pelo Para-si à paisagem, compreendemos com maior clareza a importância da ponte entre a espacialidade em sua ontologia e paisagem. E, mais que a topologia do Ser, são as aberturas à transcrição dessas grafias pela linguagem literária, como observado por autores como Alves (2020), Chaveiro (2014) e, especialmente, Monteiro (2002, p. 25), que argumenta: “Entendo que a importância conferida à trama liga-se ao fato de que ela é aquilo que, em seu dinamismo, representa a ‘condição humana’”. Complementa o autor que essa condição humana, o Para-si sartreano ou *Dasein* de Heidegger, em paralelismo possível de ser efetuado em nossos estudos, pode ser assim formulado: “[...] sua comunicação, o seu ‘tomar vida’, requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um ‘palco’ – praticável, concreto – em que qualquer trama ‘humana’ está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultura enfim” (Monteiro, 2002, p. 25).

O exercício efetuado por Monteiro, que vai ao encontro das proposições de Sartre (2008), não está distante da ideia central do olhar topológico do ser, numa fundação da existência em sua habitação, interação e imersão ao existente. A imanência e facticidade fazem o papel da estrutura ôntica, à qual haverá a emanção do sentido de ser-no-mundo, que também ocorre em estudos sobre territorialidade, que une, ao mesmo tempo, nuances

epistemológicas e ontológicas da paisagem e do lugar (Escobar, 2015; Saquet, 2007). Estamos envolvidos no e pelo mundo que habitamos, os fundamos em essência pela situação da existência, o devir-vida das geo-grafias do Para-si e *Dasein*: “O mundo, por sua vez, é tratado, não como interioridade do sujeito, mas como uma presença imediata do sujeito, como um modo de existir. Estamos diante de um ser-envolvido-no-mundo” (Holzer, 2010, p. 42).

Estudos compilados sobre Geografia Cultura e Humanista e a relação entre ontologia, fenomenologia e arte literária com a ciência geográfica exploram, em grande medida, os horizontes tanto de registro como de análise dos modos de existir colocados por Holzer (2010), que se correlacionam aos demais pontos destacados anteriormente de uma ontologia da espacialidade como topologia do Ser, em situação.

É possível realizar incursões de constatação da textualidade do espaço como grafia do Ser situado, por exemplo, em obras literárias sobre os sertões como *A Bagaceira* (1980), de Américo de Almeida. Esse umbral da imanência das paisagens sertanejas é latente, a situação do habitar a terra, geografizá-la por este umbral da imanência, transcendendo-a pela relação existente-existência da topologia do Ser:

Afirmo que sou minha essência à maneira de ser do Em-si. Ao mesmo tempo, todavia, recuso-me a considerar essa essência como sendo historicamente constituída e como se compreendesse o ato, tal como o círculo implica suas propriedades. Capto essa essência ou tento captá-la como começo primordial de meu possível, e não admito que tenha em si mesma um começo; afirmo então que um ato é livre quando reflete exatamente minha essência. (Sartre, 2008, p. 87).

Uma ilustração geoliterária da obra *A Bagaceira* contribui como amostragem geoliterária das topologias do ser, por meio da arte literária. Vejamos, por

exemplo, como a facticidade em seu papel de imanência impacta o papel da transcendentalização promovido pelo Eu, como menciona Sartre, e que é trabalhado de forma literária por Américo de Almeida:

Ventava. Não era o vento pontual da boca da noite todo sujo de pó como uma criança traquina. Era um sopro do inferno que, alteando-se, parecia querer rasgar as nuvens para acender a fogueira.

A flora desfalecida.

Durante um ano a fio, uma gota d'água que fosse não refrescara a queimadura dos campos. Depois, não se via um pássaro: só voavam muito alto as folhas secas.

Bem. Um passarinho estava sob a última folha da umburana, como debaixo de um guarda-sol. Caiu a folha e o passarinho abriu o bico e também caiu, com as asas abertas.

O panasco pulverizara-se: girava com a poeirada chamejante.

Até onde dava a vista se achatava a paisagem cinérea. A desolação da mesma cor.

A capoeira esquelética levantava os garranchos, como dedos crispados. E dançava, à força, nessa tragédia, com o bochorno feroso.

A catinga formava um aranhol.

Como era feia a natureza resseca na sua nudez de pau e pedra!

Os rebanhos aflitos prostravam-se no chão esbraseado.

Valentim exprimiu todo esse horror canicular:

Era uma calma! O céu branco, como um espelho, não se mexia; o mato parecia de chumbo, quieto. Como quem suspende o folgo. Um calorão, como se as profundas estivessem à flor da terra. (Almeida, 1980, p. 29).

Outro exemplo de expressão topoanalítica a partir de uma perspectiva geoliterária da paisagem como ser-em pode ser observado em Amado (1951), quando o autor faz a imersão em sua obra rumo à facticidade cotidiana, com elementos do lugar, da paisagem existência e da experiência:

Mais que a igreja, porém, o rio as atraía. Era o São Francisco, ouviam falar dele em suas terras de sol e seca. nunca tinham visto tanta água e associavam a visão da água à ideia de fartura, imaginavam que aquelas terras próximas seriam de uma fertilidade assombrosa. E se admiravam que os camponeses chegados da beira do rio fossem andrajosos e fracos, os rostos amarelos de sezão, piolhentos e sujos. Com aquele farturão de água era de esperar que toda gente por ali estivesse nadando em dinheiro. não tardaram, no entanto, em descobrir que todas aquelas terras ubérrimas pertenciam a uns poucos donos e que aqueles homens magros e paludados trabalhavam em terras dos outros, na enxada de sol a sol, nos campos de ouricuri, nos carnaubais e nas plantações de arroz e algodão, ganhando salários ainda inferiores às aquelas que pagavam no sertão. (Amado, 1951, p. 94).

A perspectiva fenomenológica emerge em tais escritos a partir do momento em que, topoanalítica e topologicamente, buscamos as referências de como as intenções de significação e singularização da existência nessas paisagens se des-vela em cada ente, acontecimento, percepção, sentimento, emoção ou imagem: "Viam também a vegetação nas margens, os camponeses de rosto amarelo, e as pequenas idades onde tocavam. Escapava-lhes o mistério do rio, seus dramas, sua trágica geografia humana" (Amado, 1951, p. 112).

O escapar do mistério do rio é o Para-si em seu questionar-se e, ao mesmo tempo, intenção de des-velamento do ser daquele ente-rio, que o inquieta e que faz parte da facticidade na qual o próprio Para-si como *Dasein* está inserido: "Nem prestavam atenção à vida que os rodeava e só mostraram mesmo um interesse mais vivo quando o navio encalhou e os barqueiros do São Francisco empunharam as longas varas, as encostaram nos peitos e lutaram durante horas e horas contra o barco, a areia e o rio" (Amado, 1951, p. 112).

Em *Visões do Sertão*, Taunay (1928) é o próprio narrador que inicia o percurso de inquirição sobre o real sentido da facticidade que o rodeia como paisagem, em textualidade do espaço enquanto ser-em do seu próprio ser, que sente, escreve e tenta descrever o que está percebendo e experienciando: “Que singulares emoções as minhas, entre saudosas e terrífica, senão odientas, ao deixar para todo o sempre esses lugares, em que tantas e tão longas agruras e dores havia curtido, mas – todos eles – tão vários, formosos e impressionantes” (Taunay, 1928, p. 6-7).

Até mesmo as palavras certas ou ideais para sua descrição são buscadas e muitas das vezes não encontradas, em uma clara correspondência entre o vivido e o percebido que perfaz mas, não necessariamente, obterá ou já possuirá o seu equivalente de expressão linguística ou artística, como problematizado por autores e estudos geográficos, literários, filosóficos, educacionais etc. Por fim, o narrador/autor tenta dar conta da predicação da paisagem que o rodeia, fazendo alusão a como tal facticidade que suplanta o concreto que percebe e sente remete ao poético de sua unicidade e singularidade em cada ente de sua condição onto-ontológica na paisagem:

O inacabamento da linguagem perante a facticidade dos lugares e paisagens é tanto a característica mais notória como a mais desafiadora de uma proposição topoanalítica. O poético destacado por Taunay possui o mesmo sentido da trama e o mapa de Monteiro (2002) que é a tentativa da linguagem em seu esforço de expressão da grafia do mundo, natural ou social. E sobre a relação entre Geografia e Literatura, Monteiro (2002) considera que “toda urdidura complexa da ação romanesca – a ‘trama’ – proposta pelo escritor, malgrado este dinamismo, pode vir a ser projetada nas malhas de uma estrutura espacial, figurativamente estática – o ‘mapa’ –

percebida pelo geográfico” (Monteiro, 2002, p. 25).

Tanto a geoliteratura quanto a geopoética emergem como caminhos para a um passo de imersão topoanalítico ao texto e seu contexto, para alcançarmos a contextura, que pode ser entendida como a expressão onto-ontológica da facticidade da ontologia do espaço, como topologia do Ser situado expresso pela arte literária. O passo fenomenológico da topoanálise ocorrerá justamente na união da análise geográfica da geopoética, ou seja, no (des)encontro do ente e Ser, pela essência emanada na (des)velação onto-ontológica da facticidade, por meio da linguagem literária.

No entanto, tanto o passo geográfico fenomenológico como o literário analítico precisam ter os pilares categoriais para que façamos tal incursão topoanalítica em diferentes autores da literatura nacional e latino-americana, que tratam dos modos de vida e estares do ser nos interiores territoriais de seus países.

Por fim, finaliza-se esta etapa do estudo por meio de uma citação que faz a ponte com o que foi exposto anteriormente: topografias da existência como topologia do ser; o papel das narrativas e espacialidade como meio de expressão das grafias da existência. A arte literária é o elo condutor da topologia do ser, que permite a apreensão onto-ontológica do ser-em em seus estares no mundo:

Então para que esse fenômeno de revelação da arte possa acontecer nós temos que estar desnudos de todo o orgulho. A razão tem de abrir mão de seu poder, a lógica tem de abrir mão de seu poder, para que a obra seja apreendida no único lugar para o qual ela quer ir, que é o centro da pessoa, aquilo que nós chamamos o sentimento, os nossos afetos, aquilo que nos constitui felizes ou infelizes. Não é o que nós sabemos mas é o que nós sentimos. Arte é para o sentimento, é para a sensibilidade, é para a inteligência do coração, e não

para a nossa inteligência lógica.
(Prado, 2008, p. s/n).

É a partir de tal diretriz artística e literária que as ideias, conceitos e categorias da Geografia irão dialogar para a constituição da topoanálise. A inserção da espacialidade fenomenológica, a partir do lugar e paisagem, na perspectiva situacional dos sertões do sertão, como ser-em do Em-si, em nós. O *Dasein*, como topologia do ser, é a abertura ao (des)velar da essência dos entes em circunstância, percepção, experiência e, principalmente, pensamento e linguagem, emanados pela arte, especificamente literária, no caso do recorte do estudo realizado neste trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expressões geoliterárias dos sertões e suas paisagens poderia seguir por outras paragens, autores, obras, em contínuo caminhar. Os sertões goianos de Bariani Ortêncio, as paisagens interiores de Manoel de Barros, nos versos de João Cabral de Melo Neto ou Cora Coralina, ou ainda a reminiscência dos sertões amazônicos em Paulo Jacob (Suzuki; Araújo; Marques, 2022). A ubiquidade ôntico-ontológica dos sertões permite essa diversidade empírico-fática que, ao mesmo tempo, multiplica-se topologicamente por diferentes grafias da existência.

O arranjo teórico e metodológico bipartite entre geoliteratura e ontologia fenomenológica desafia ainda mais a empreitada. As bases epistemológicas estão distribuídas por autores e obras igualmente diversificados entre si. O mais importante, no entanto, é, a partir de uma definição do horizonte a ser alcançado, trilhar-se o caminho que melhor fornecerá os aportes necessários, teóricos e metodológicos.

Neste estudo foram apresentados alguns caminhos topoanalíticos e de reflexão topológica do ser situado nas

diferentes paisagens do sertão. A geoliteratura se uniu ao debate como forma especial de emanção representável dos sentidos da existência na espacialidade, campo explorado e amplamente trabalhado por olhares geográficos na diversidade das paisagens dos sertões.

Espera-se, portanto, que haja mais um ponto de partida que de chegada, no sentido mesmo do retorno a mais uma das máximas rosianas, do sertão encontrado no interior da própria existência, seu sentido, seja como preenchimento ou como vazios. O percurso segue por diferentes rumos, perpassando, transpassando e transbordando as variáveis, os sentidos possíveis dos interiores territoriais, como paisagens dos sertões do sertão.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 13, n. 36, p. 5-59, 1999.
- AGUIAR, Flávio. O oco do mundo. BRAIT, Beth. (Org.). **O Sertão e os Sertões**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. p. 79-104.
- ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- ALVES, Ida. A Literatura é uma Geografia?. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 20-34, 2018.
- AMADO, Janaina. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.5, p. 145-151, 1995.
- AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1951.
- ANTONIO FILHO, Fadel David. "Sobre a palavra sertão: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência

geográfica)." **Ciência Geográfica**, v. 15, p. 84-87, 2011.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira. O sertão e a espacialidade edênica. **Revista Geotemas**, v. 8, p. 1, 2018.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira. Facticidade onto-ontológica e arte literária: estares do ser pela linguagem e a palavra. **Building the Way**, v. 11, p. 105-125, 2021.

ASTRADA, Carlos. **El juego metafísico**: para una filosofía de la finitud. Buenos Aires: Libreria El Ateneo Editorial, 1942.

BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (Org.). **Sertão, sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRAIT, Beth (org.). **O Sertão e os Sertões**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 40-51, 2014.

COLLOT, Michel. Pour une géographie littéraire. **Fabula-LhT - Le Partage des disciplines**, n. 8, maio 2011.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Trad. Ida Alves. Editora: Oficina Raquel, 2013.

COUTINHO, Evaldo. **O lugar de todos os lugares**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.

ESCOBAR, Arturo. Territorios de diferencia: la ontología política de los "derechos al territorio". **Revista Desenvolv. Meio Ambiente**, [S. l.], v. 35, p. 89-100, dez. 2015

GUIMARÃES, Humberto Goulart. O espaço existencial em xequê: uma odisséia para o espaço ontológico na geografia. **Ra'e ga** (UFPR), v. 19, p. 19-34, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 3ª Ed. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia**: Hermenêutica da facticidade. Trad. Renato Kichner. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da linguagem**: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

HOLZER, Werther. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, p. 241-251, 2010.

MALPAS, Jeff. **Heidegger's topology**: being, place, world. Cambridge; Massachussts; London: MIT Press, 2008.

MALPAS, Jeff. **Place and Experience: A Philosophical Topography**. New York, NY: Routledge, 2018.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama - ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações**

romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um outro geográfico. In: **Revista Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, v. 4/5, p. 11-23, 2003. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>. Acesso em: 18 dez. 2017.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia, Interdisciplinaridade e metodologia. **GEOUSP Espaço e Tempo - Online**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 9-39, 2014.

MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias. *Revista GEOgraphia*, Niterói, v. 6, n. 11, 2004.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2008.

PÁDUA, Ligia Teresa Saramago. **A “Topologia do ser”**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Janeiro: PUC-Rio, 2005.

PEREIRA, Marcos Paulo; LACHAT, Marcelo. et al. **Pelo Sertão**, o Brasil. Macapá : UNIFAP, 2016.

PRADO, Adélia. **O poder humanizador da poesia** – Programa Sempre um Papo de 2008. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=sisSITXY6bM>. Acesso em: 8 abr. 2020.

ROCHA, Gabriel Kafure da. Uma topo-ontologia de Heidegger e Bachelard. **Ideas y Valores**, v. 69, p. 33-56, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2008.

SAQUET, Marcos. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SERPA, Angelo. Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem: Notas sobre um exercício prático de redução fenomenológica. **Geograficidade**, v. 6, p. 19-30, 2016.

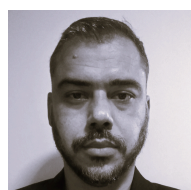
SILVA, Moacir. A Propósito da Palavra ‘Sertão’. **Boletim Geográfico**, v. 8, n. 90, p. 637-644, set.1950.

SUZUKI, Júlio César; ARAÚJO, Gilvan Charles; MARQUES, Karina. Em busca dos sertões: a movência fronteiriça nos interiores do Brasil. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2022.

TAUNAY, Visconde. **Visões do Sertão**. São Paulo: Editora Melhoramento, 1928.

TILLEY, Christopher. **A Phenomenology of Landscape Places, Paths and Monuments**. Oxford: Berg Publishers, 1994.

TOFANI, Frederico de Paula. Sertão: é Dentro da Gente – Um Breve Ensaio sobre o Olhar, o Deserto e a Geografia. **Boletim Mineiro de Geografia**, Belo Horizonte, v. 8, p. 175-195, 2005.



GILVAN CHARLES CERQUEIRA DE ARAUJO

Geógrafo formado pela UNESP (Rio Claro), com Mestrado e Doutorado em Geografia pela mesma instituição e Pós-Doutorado pela USP. Atualmente, é Pós-Doutorando em Educação pela PUC-RS. Professor e Pesquisador Permanente no Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília, além de Pesquisador Associado à Cátedra UNESCO da mesma universidade. Também integra o corpo docente do Prolam/USP e atua como

professor de Geografia na SEEDF. Possui experiência em Educação Básica, Graduação e Pós-Graduação, além de atuar na formação de professores e em políticas públicas educacionais. Participa de grupos de pesquisa na UCB e USP e é membro do CESPE. Seus temas de interesse incluem Geografia, Educação, Políticas Públicas, Ensino de Geografia, Geoliteratura, Epistemologia e Ontologia..